



TEATRO

«O RENDER DOS HERÓIS» pelo TEATRO MODERNO DE LISBOA

No palco do Império deu-se um acontecimento teatral desses que são verdadeiros marcos.

Refiro-me à esplendorosa estreia da arrojada peça de José Cardoso Pires «O Render dos Heróis», que, sendo obra de virtualidades excepcionais, punha à encenação problemas extremamente delicados e complexos, dos quais Fernando Gusmão triunfou em toda a linha, conquistando assim, de chofre, um inesperado lugar cimeiro nesse domínio apaixonante que é a corporização de um texto em linguagem dramática—palavra, plástica, som, emoção...

Tempos atrás, aquando da publicação de «O Render dos Heróis», escrevi que esta peça se media em potencialidades riquíssimas com as melhores do ano (de Santareno e de Sttau Monteiro), mettendo por caminhos novos, que exigiriam de um hipotético encenador muito de amor e de talento para uma tentadora tradução cénica. O milagre operou-se.

E como sempre sucede que o teatro, ao consumir-se no palco, dá força àquilo que no papel é ainda para muitos enigmático ou turvo, eis que «O Render dos Heróis» nos

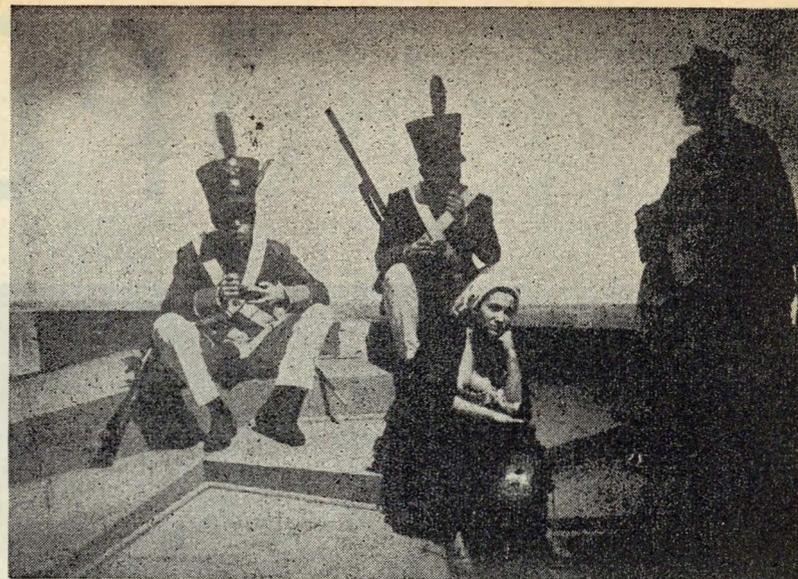
Visto por
**URBANO TAVARES
RODRIGUES**

surgiu na sua absoluta e extrema limpeza estética e moral: corrosiva sátira à sociedade burguesa da era pre-industrial, que não poupa os liberais acomodados, livres pensadores flutuantes, atentos à barca do poder, como o desembargador Silveira, ou os idealistas cuja energia generosa, sem fundas exigências de classe, cedo se esgota, tal a de Maria Ricarda.

Fernando Gusmão, como o próprio Cardoso Pires disse já numa entrevista, enriqueceu inteligentemente o texto: não hesitou em recorrer à pantomima e ao bailado, sublinhou primorosamente os desmandos da fraseologia demagógica, tirou excelente partido das indicações de máscaras, das canções da época que o autor tivera o cuidado de ressuscitar. Fez da espinhosa apoteose grotesca um espantoso momento caricatural, estuante de vida e comicidade amarga. Soube aproveitar a seca violência de certos passos. Foi, de facto, o ence-

nador cerebral e ao mesmo tempo sensível, artista controlado, que se impunha para levar a bom termo esta empresa formidável. Nada deixou ao acaso. Os apontamentos musicais de Carlos Paredes são de um bom gosto e de um poder evocativo fora de série. A dificuldade da mutação de cenários foi resolvida também nos figurinos, segundo os «monstros» postos em circulação no fogaracho da Maria da Fonte.

Aproximando-se da monta-



Cena do «Render dos Heróis», pelo Teatro Moderno de Lisboa

gem das revistas, Fernando Gusmão logrou efeitos estupefatos: um espectáculo que nos honraria em Paris, em Londres ou em Nova Iorque, em qualquer grande meio teatral exigentet e cõscio dos valores actuais.

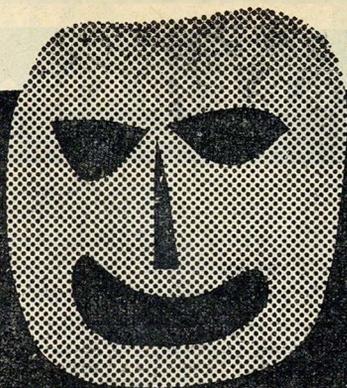
É claro que isto não seria possível sem o concurso devotado de uma equipa coesa e sem talentos tão exuberantes ou tão dominados como, por exemplo, os de Rui de Carvalho, Carmen Dolores e Rogério Paulo.

Contrariando porventura o seu temperamento mais pro-

penso aos grandes rasgos, Rogério amoldou-se à psicologia do torpe, mas envernizado, dr. Silveira, do qual conseguiu sacar os mais subtis impulsos e retracções, a mescla autêntica de ironia e complacência, de desvergonha e afecto paternal, de conhecimento do mundo. O público sentiu esta vitória de Rogério Paulo sobre si próprio, interrompendo a apresentação com vibrantes aplausos.

Carmen Dolores, admiravelmente certa no papel de Ma-

(Continua na página 11)



TEATRO

«O RENDER DOS HERÓIS»

(Continuação da pág. 7)

ria Ricarda, insufla-lhe impressionante vigor ao reconhecer a mácula da sua abdicação perante a morte — e perante a vida. Nas outras duas hipóteses da Maria da Fonte, ouvimos a voz de Constança Navarro e vemos despontar a vocação dramática de Angela Ribeiro, a quem falta apenas estatura para ser plenamente convincente.

Rui de Carvalho excede-se na composição da portentosa figura do cego: aparece-nos verdadeiramente inspirado, incomparável, com uma marcação cheia de fantasia e de ímpeto, em ritmo balético, cantando, multiplicando-se, tirando tudo de um tique facial,

da entonação de uma estrofe, de uma pirueta ou de uma queda.

Revelação que merece todo o nosso louvor é a de José Amaro, aqui em plano de grande actor na sua criação do o facundo coronel Mata-mundos, quase sempre acompanhado pelo velhaco e boçal sargento Sargentanas, a que Tomás de Macedo dá também expressivo relevo.

Muito longa seria a relação de todos os actores e figurantes, pois a peça movimenta grupos inteiros de camponeses e de soldados. Não podemos deixar de mencionar o trabalho magnífico de Maria Cristina, o desenho muito justo de uma comadre por Fernan-

da Alves, de gesto largo e plebeísmo perfeitamente conseguido; a inesquecível água forte do padre-soldado, caceiteiro e esfola-hereses, que ficamos devendo a Jaime Santos; a preciosa caricatura de Macdonell, papa-cabritos, esboçada por Armando Caldas; a figurinha saltitante do fiscal de impostos erguida por Carlos Cabral; a natural e linda camponesa que foi Clara Joana; as estilizações de Maria Schulze e Luís Cerqueira num casal nobre de pacotilha. A Fundação Gulbenkian está de parabéns por ter em boa hora contribuído para esta reaparição do Teatro Moderno de Lisboa, tão ousada, tão moderna, tão bela e tão significativa.